

A PATRIA

Orgão dos interesses da colônia brasileira no Rio da Prata

Administração: Calle 25 de Maio 471, esq. de Ciudadela

Montevideo--Sexta-feira 29 de Abril de 1887

Diário da manhã--Anno IX--Num. 2330

A PATRIA

Publicação diária e da manhã. --Sabe pela typographia do seu nome

DIRETOR: PASSIO A. FARINHA

TELEPHONE "LA URUGUAYA" N. 290

Tem no seu corpo de colabo-
radores, escriptores conspici-
dos na imprensa brasileira.

Tem correspondentes nas capitais da Europa
e nas principais cidades da America do Sul.
Tem agentes em todas as repartições da
Republica, nas potencias da fronteira com o
Brasil e com a Republica Argentina.

CONDICÕES

Assinatura mensal em dinheiro

1.º ANNO 8.00

2.º ANNO 15.00

3.º ANNO 20.00

4.º ANNO 25.00

5.º ANNO 30.00

6.º ANNO 35.00

7.º ANNO 40.00

8.º ANNO 45.00

9.º ANNO 50.00

10.º ANNO 55.00

11.º ANNO 60.00

12.º ANNO 65.00

13.º ANNO 70.00

14.º ANNO 75.00

15.º ANNO 80.00

16.º ANNO 85.00

17.º ANNO 90.00

18.º ANNO 95.00

19.º ANNO 100.00

20.º ANNO 105.00

21.º ANNO 110.00

22.º ANNO 115.00

23.º ANNO 120.00

24.º ANNO 125.00

25.º ANNO 130.00

26.º ANNO 135.00

27.º ANNO 140.00

28.º ANNO 145.00

29.º ANNO 150.00

30.º ANNO 155.00

31.º ANNO 160.00

32.º ANNO 165.00

33.º ANNO 170.00

34.º ANNO 175.00

35.º ANNO 180.00

36.º ANNO 185.00

37.º ANNO 190.00

38.º ANNO 195.00

39.º ANNO 200.00

40.º ANNO 205.00

41.º ANNO 210.00

42.º ANNO 215.00

43.º ANNO 220.00

44.º ANNO 225.00

45.º ANNO 230.00

46.º ANNO 235.00

47.º ANNO 240.00

48.º ANNO 245.00

49.º ANNO 250.00

50.º ANNO 255.00

51.º ANNO 260.00

52.º ANNO 265.00

53.º ANNO 270.00

54.º ANNO 275.00

55.º ANNO 280.00

56.º ANNO 285.00

57.º ANNO 290.00

58.º ANNO 295.00

59.º ANNO 300.00

60.º ANNO 305.00

61.º ANNO 310.00

62.º ANNO 315.00

63.º ANNO 320.00

64.º ANNO 325.00

65.º ANNO 330.00

to que encontras a su paso, amparan-
dos despus en el cuartel, donde es-
tán seguros de quedar impunes de cu-
quier atentado que hubiesen cometido.
Esta parece ser la situación de Ur-
uguayana, y es lógico suponer que los
demás soldados próximos a la frontera
han de estar poco mas o menos a la mis-
ma altura de disciplina y moralidad.
O colega enganado se quando escre-
veu estas linhas. Talvez se lembrasse
d'aquelles dias e noites fatidicas do
ano terrivel, que não permitia sair
a rua os habitantes da bella Montevideo,
ameaçados de serem agredidos ao do-
brar alguma esquina.

Na Uruguayana, como em qualquer
outra cidade do nosso país, o terror fa-
lizmente não plantou seus ar-
razaes, e meos inculcados pelo exercito,
que ali é a columna da ordem e susten-
tação das instituições do país, das suas
leis e do prestigio legitimo da autori-
dade.

O collega, deve ter-se enganado; não
é no Brasil oido o exercito serve de ele-
mento desmoralizador e de força op-
pressora ás aspirações do povo.
Cremos que a sua intenção foi de fa-
zer espirito a custa de um elemento da
ordem do nosso país, pois não podemos
semprer outra coisa, quando se apresen-
tam accusações (ho extemporaneas e
que provocam o riso do ridiculo).

E' verdade, que ultimamente houve
alli uma ligeira desintelligencia entre o
ministro da guerra e certos officiaes
superiores, porém essa duvida desap-
pareceu, e nem ella téva por fim o des-
conhecimento do principio da autoridade,
senão sobre a interpretação de uma lei,
cujos effectos julgamos os militares ser
offensivos ás immuniidades de seu carac-
ter privado.

Ignora o collega, que aqui, a na-
tural visinha, tem surgido factos ide-
ticos?

Factos, que tem sido tratados no extre-
mo desmoralizador, como attesta o que
aqui ultimamente teve lugar em Buenos
Aires, entre um official superior e o mi-
nistro correspondente?

Dai-se de accusações sem fun-
damento e dictadas só por um espirito
de prevenção, como succede aqui a tudo
o que tem relação com o nosso país.

O facto denunciado pelo collega a res-
peito da desordem militar da guarnição
da Uruguayana, permitia-nos que lhe
digamos, e forjado com o fim de cha-
mar a attenção contra uma classe ele-
vada e distinta do nosso país, a primei-
ra sem duvida desta America, pela
ordem e disciplina com que está mon-
tada.

Sobre o cordão sanitario

Atendendo o nosso collega *Jornal do
Comercio*, de Porto Alegre, ao pedido
que lhe foi feito em um telegramma es-
criptado da Uruguayana, no qual se lhe
disse que o vapor argentino *Messenger*,
ao reboque de tres chalupas carregadas
de mercadorias se achava fundeado no
porto, desceja desembarcar ali, visto
o estado precario e falto de recursos da
cidade, apresento esta opinio, para a
qual chamamos a attenção da presi-
dencia da provincia.

Uruguayana 31 de Março, ao meio dia.
Vapor argentino *Messenger* e tres
chalupas *acham-se fundados á vista*,
com 200 toneladas de carga.
Consul argentino reclama a execucao
do decreto que fixa 8 dias de quarentena
para as procedencias do Prata.

do por toda a parte o assassino de Jay-
me Bernier, que não o encontram e que
elle está ali na sua frente!
Ei-lo! Esse homem chamou-os todos
aqui para serem testemunhas do mais
monstruoso, do mais infame dos mais
crimes e a sua presença devia nstar
della toda a desconfiança! Ougam o pri-
vilegiado comprehender! Esse patife atrás,
que preparou as cousas tão bem que os
senhores o consideravam o homem mais
honrado do mundo, pensava que só uma
pessoa do mundo podia depre contra elle
e essa pessoa é a menina Emma-Rosa,
a filha da Sra. Angela Bernier! Ora,
por enquanto estando a menina Emma-
Rosa cega, não o podia reconhecer. Mas
ella pôde sarar e para impedir que um
dos seus collegas e euro o Dr. Paroli la
simplesmente furar-lhe os olhos! Nem
mais nem menos!...

Dentre os espectadores desta scena
surgiu um murmuro de horror e de es-
panto.

A bella Hervanaria correu para a fi-
lha e apertou-a nos braços como para
protegê-la.

Paroli, mais branco do que um lençol
e cujas mãos erão agitados por um
pequeno tremor nervoso, cruzou os braços
sobre o peito e como a fera acuada que
se volta e faz frente aos cães, não quiz
dar-se por vencido sem tentar um esor-
ço supremo.

Meus senhores, disse elle em voz
firme, posto que um pouco sibilante, di-
rigindo-se a Ricardo de Gervay e a Fer-
nando de Rodly, os senhores são magis-
trados. Reclamam a sua protecção, contra
essa homem que me insultou em minha
casa. Mandem o expeller d'aqui.

Rigault, disse o juiz de instrucção,
em que se baseiam as accusações? Fir-
muladas por você contra o doutor Pa-
rolí.

Em que, Sr. juiz? exclamou Oscar,
simplesmente, em lei o visto em Mar-
tina, em casa do cutleiro, onde elle foi

A imprensa e o povo reclamam a abor-
tura dos portos.

Pelmos para o caso o interesse do
Jornal.

Sabemos da sciencia certa que até
hontem (31) as 2 horas da tarde não ti-
nham tido o Sr. conselheiro presidente
da provincia reclamando alguma official
sobre o assumpto.

Somos do parecer que, extinta como
se acha a epidemia de cholera nas Ro-
publicas da Prata, é tempo de fazer cas-
sar providencias, que mais nenhuma ra-
zo de ser justifica.

A abertura dos portos é uma neces-
sidade, que importa atender, sob pena de
aggravar ainda mais as precarias con-
dições a que vellos reducidos o com-
ercio e todas as classes na fronteira.

Qualquer medida, porém, que sentida
da correspondência dos justos reclama-
mos que nos chegam da cidade da Uruguay-
ana, só pôde ser adoptada pelo governo
geral, que julga opportuno manter ainda
as precauções que lhe suggeriu a ap-
roximação do flagello.

Vemos que não está nas mãos do Sr.
conselheiro Bento Lisboa remediar os
males com que o fechamento dos portos
está peizando sobre a população da fron-
teira; mas pedimos a intervenção do Sr.
Ex. junto do governo no sentido do que
seja a dita exposta a verdade e a calu-
niosa situação das cousas ali.

A palavra do seu delegado na provin-
cia pôde induzir o governo a tomar, san-
do uma medida geral, ao menos algu-
ma que venha favorecer os interesses
gravemente compromettidos por um ri-
gor sanitario fora de tempo.

Em assumpto como este, que se agita
em terreno estranho ás dissensões par-
tidarias, nada nos costringe assignar
que contemos não ter solicitado em vão
os bons officios do Sr. conselheiro pre-
sidente da provincia.

COLLABORAÇÃO

Secção Franklin

TIPOS AMERICANOS: DR. A. CALSO JUNIOR

Segundo a inglaterra pollogia e o
verdadeiro methodo scientifico, deve se
partir, no ensino, -- seja da infancia, seja
do homem, -- sempre do concreto para o
abstracto, isto é, do que se vê para o que
se não vê e o jamaiz inversamente, como
os nossos mestres o faziam commeco-
o da letura em punho ainda por cima --
nos tempos em que frequentavamos as
escolas primarias e preparatorias. En-
tão, com effecto, se partia de idéas va-
gas, de cousas linguisticas, apellando-se
para a pura imaginação. Quando tido
perio da nós se achava, -- em natureza e
arte, -- tudo quanto deveria antes ser
aprendido, para depois, sobre esta soli-
dade, leram-se todas as construcções
que pôdo conceber a imaginação!...

No ensino da geographia, p. g., em
vez de partir-se dos phenomenos phy-
sicos, que se passam a cada momento
sob nossos olhos, como nos contida a
interpretação do geologo escocês Geikie
em seus populares e conhecidos livros
de vulgarisação e do ensino escolar,
para do que está proximo, do con-
hecido ou do concreto, ir se passando
pouco a pouco ao desconhecido, no dis-
tante ou ao abstracto -- procedia-se de
modo inteiramente diverso.

Ensinavamos na geographia do mo-
do mais vago, mostrando-se-nos map-
as e livros, etc., a começar pelos li-
mites politicos, e ali mesmo se nos fa-
zia conhecer os Estados europeus e suas

comprar uma navalha igual á minha,
em tel-o visto ainda melhor ha tres dias
em Joinville le Pont, quando intellui no
meu braço esquerdo uma bala de revólver,
chamando-me pelo meu nome de Oscar
Rigault. Foi elle quem matou Jayme
Bernier, foi elle quem, por duas vezes,
quiz matar a menina.

E' possível que esse homem esteja
da boa fé, mas illudido se com alguma se-
melhança. Elle me toma por outro, to-
plico o doutor.

Oscar, quiz olhar cahira casualmente
sobre o peito da menina de Angelo, deu
uma gargalhada e o seu rosto illumina-
vou-se.

Ahi estou enganado... Ahi eu to-
mo por outro... repeto elle mettendo
a mão no bolso, puxando a carteira que
abrio e della tirou um objecto, do muito
pequeno volume quiz offerreço ao Sr. de
Gervay. Pois bem, Sr. juiz, pergunto-
lhe como foi que elle perdeu em la Pia,
na casa da minha irmã, um bolão de
peito exactamente igual ao que traz nes-
ta moineira!

E Oscar focou com o dedo no peito de
Paroli, que a essa contolo recuou.

Defenda-se, senhor, disse-lhe o sub-
stituto.

De! accusação! disse o italiano.
Ora está! Discutir a sria aviltante.
Domais tenho um meio de provar a mi-
nha innocencia, se fosse necessaria es-
sa prova. Esse homem dizia ha pouco
que uma unica pessoa podia depre con-
tra mim: é a menina Emma-Rosa. Pois
bem, deixem-me restituir-lhe a vista e
veremos se ella me reconhece...

Não! não! não! exclamou Angela
Bernier, apertando com mais força con-
tra o peito a juven cega. Não toque em
minha filha. E' o prohibido. Não toque
nella!

Antibal Garraconi, chegou-se ao dou-
tor.

Eu também, disse-lhe elle, eu tam-
bem te accuso, porque ha muito tempo

capitais o cidades, antes de nos ensina-
rão a conhecer o Brasil, a nossa Ame-
rica, ou mesmo nossa provincia natal!
Aconteceu, por isso, que nós todos, --
que em tal methodo temos sido educa-
dos, -- conhecemos muito melhor a Fran-
ça, a Inglaterra ou a Allomanhia, -- mes-
mo sem nesses países havermos viaja-
do -- do que qualquer país da nossa
America e quicá o nosso proprio Bra-
sil!

Em parte está nosso ensino a razão
por que, em nossas preoccupações, co-
mo em nossas viagens de instrucção ou
de recreio, visamos antes a Europa do
que os Estados Unidos, o Rio da Prata
ou qualquer país americano. E isso sem
embargo da grande justificativa da pro-
cura do melhor meio para o estudo por
aquellas que buscam o velho mundo
com o proposito de adquirir instrucção
e sciencia ou tecnica. -- sem duvida
superior a de qualquer povo ame-
ricano, ainda mesmo da America do
Norte, que já com a Europa civilizada
-- já via computando em muita cousa,
senão excedendo-a em algumas espe-
cificas disciplinas.

Ora, no meio deste concerto geral de
bussolas que apontam para a Europa,
uma houte que desorientou: foi a do Dr.
Alfonso Calso Junior. Seu pólo magne-
tico foi a America. Para os diversos
paizes americanos foi o seu rumo, pois,
assegurei, nas viagens que em busca de
instrução no estrangeiro, procurou obter
esse nosso jovem condeado, que é um
distinto homem de letras e um es-
perançoso estadista americano.

Quando todos nós, quasi que em ge-
ral, -- buscamos a Europa para instruir-
nos, ou para viagens de recreio, raros
procurando os Estados Unidos seguir
para o estudo profissional, -- elle sahiu
do logar comum empreendendo, com a
maior originalidade, e ainda em sua
primeira mocidade, que apenas acaba
de ultrapassar, -- uma excursão instruc-
tiva nos diferentes paizes americanos,
tendo a todos já visitado o alguns mes-
mo frequentado por mais do que uma vez,
como as Republicas do Prata.

De tal procedimento, como era de es-
perar, resultaram-lhe tantas vantagens
pessoas, como advir, em conquistas
uteis e proveitosas para as letras e
para o país.

O anheio de um excursionista, que es-
tá escrevendo na revista literaria *A S-
mania*, é uma prova disso. Elle, por es-
te modo, dos primeiros a nos revelar as
bellezas dos paizes americanos, em sua
natureza, em suas instituições e em seus
homens distintos.

Muitas relações utilissimas ao futuro
do nosso país e á boa harmonia entre
os povos americanos, tem elle, com suas
viagens, correspondencias, escriptos e
discursos, antebolado ou robustecido em
bem da causa common do nosso continen-
te.

Nós que somos fervorosos adeptos da
fraternisação dos povos e que acreditá-
mos ser o primeiro passo para tal fim,
-- bem conhecidos e nos tornamos de todos os
nossos irmãos do Novo Mundo favora-
mente conhecidos; e nós que durante largo
tempo do viagens e do estudo na Euro-
pa não cessamos de cultivar as relações
as mais amistosos dos visitantes ame-
ricanos com quem nos achamos em con-
tacto, fomos nas escolas, nas associações
e nas sociedades que frequentavamos
e a nós tornamos para elles tornavamos
de nosso país conhecido em alguns de
seus bons sentimentos; -- não podemos
deixar de applaudir a iniciativa do nos-
so distinto compatriota e dilecto amigo,
de sua bonita campanha do aproxima-
ção dos povos americanos, em cujo

que, a despeito da affeição, que me ins-
pirava, o meu instincto não avisava que
tu és culpado; o meu instincto, porém,
talvez me enganou, e se és innocente, ou
talvez ajudarei a justificar-te. Em uma pala-
vra, a menina Emma-Rosa pôde resol-
ver a questão, mas é preciso que ella to-
veja. Offereço-lhe para fazer a operação
e juro queerei bem succedido! A Sra.
Bernier quer? A menina q?

A bella Hervanaria hesitava.

Sim, mil vezes sim, querol respon-
deu vivamente Emma-Rosa. Eu já tinha
reconhecido a voz do assassino. Quan-
do eu tiver reconhecido a sua cara nin-
guem mais no mundo terá o direito de
desconfiar do minha mãe. Faça a ope-
ração, senhor.

Nesse momento Paroli, que estava
pensando em fugir, fez um movimento
de retirada, mas Caseneuve, obediendo
a um signal do Sr. de Gervay, poz-lhe a
mão no hombro e empellio-o á immo-
bilidade.

A senhora consentiu e perguntou po-
la segunda vez Gervasoni dirigindo-se a
Angela: que balleção?

Não tenho direito de recusar.

Antibal, apontando então no espaldar
da poltrona á cabeça da menina, como
pouco antes havia feito o successor de
Grisky, tomou da menina um dos in-
strumentos e começou a operação.

Não durou mais de dois minutos.

Olhe, agora, minha senhora, disse o
operador certo de ter sido bem succedido.
Olhe!

Emma-Rosa latantou-se, correu os
olhos por aquelles que a rodeavam, por-
que já não estava cega.

Quando viu Paroli, estremeceu:

Eis ahi, disse ella estendendo a mão,
eis ahi o homem que vi perto do cadaver
do meu avô. Eis ahi o homem que duas
vezes tentou matar-me.

E cahiu na poltrona sem sentido,
dando-se Gervasoni pressa de pôr um
apparelio entre os seus olhos e a luz.

anheio alia e incorramos como sau-
culo, cada qual de nós servindo essa
causa common com os proprios recur-
sos.

Saudamos o, pois, em suas conven-
das manifestações, que são do grande
almejo para a causa americana, -- isso
a começar pelas da imprensa, -- no seu
Cincoenta a terminar pelas da tribuna,
em seus eloquentes discursos sobre as
questões americanas que se tem levanta-
do no nosso parlamento, onde sobressa-
he o do oido é inextinguível admirado
como abolicionista, por seus sentimen-
tos de humanidade e como parlamentar
por seu talento e civismo.

Desde que ahi é, com effecto, trazido
algum assumpto que se refira aos inte-
resses da qualquer dos povos america-
nos, -- em cujo congresso dove nossa
patria ocupar lugar importante, por
suas grandes aspirações e por seu cres-
cente sentimento democratico -- a sua
sympathica palavra vibra em defesa dos
grandes principios e das altas esperan-
ças da America livre.

Nesta secção, que representa uma no-
ta harmonica do accordo americano, to-
remos mais do que uma vez a satisfação
de referir algumas observações a nós com-
municadas em intima palestra por este
nosso distincto amigo a confrãdo em
sentimentos abolicionistas e americanos.
Por hoje nos limitamos a saudar o
desta trilhaeira do americanismo, como
a um dos mais denodados e esperanç-
osos representantes da democracia ame-
ricana. E isso fazemos o *abundancia*
conferir conhecemos por intuição
nossa a Europa; e mister que conheça-
mos de facto a America.

Sirva-nos, portanto, o exemplo desse
previdente campeão americano.

Frequentava um nosso amigo a casa
da familia a que devia ligar-se dentro de
algum tempo pelos igualmente bem co-
nhecidos *indistinctos* laços.

Estava ali nos preambulos que
conduziam fatalmente ao *conjugo* *et* *sacra-*
mental...

Em uma dessas occasiões em que to-
do o proteto servia para uma confissão e
em que queramos que nossas palavras
traziam nossos sentimentos, sem parar
que em tal cousa tomamos parte,
apparecendo-lhe uma erianinha da fa-
milia, naturalmente fez-lhe muita festa;
festa que em geral to los fremos tão in-
tencional como distrainimento, mas
que no caso representam papel de tabel-
la de bilhar.

Apreciando em seguida a dona da ca-
sa (sua futura sogra) os muitos fatos á
sua filha, interessante menina de trez
anos, -- ante esse quadro que recordava
o bem conhecido episodio evangelico, --
disse ella ao seu hospede:

— O senhor parece gostar muito do
crianças, doutor!

— Oh! minha senhora, respondeu elle,
com rapida rene, gosto immensamen-
te... sobretudo quando ellas são do se-
xo feminino e têm 18 annos de idade.

Como era natural tambem, riso franco
o um rubor de faces de uma menina
nessas condições, saudou o dito traipoi-
ro do interlocutor.

Queriamos contar só a anecdotas sem
citar o nome do cavalheiro que a produ-
ziu... Mas não resistimos ao desejo de
apontar: -- é o mesmo meu presado
amigo Dr. Alfonso Calso Junior, em
quem se alliam espirito, talento e bonda-
de, o mesmo que está agora publicando
na *Revista* deliciosas impressões de suas
viagens americanas, o mesmo que ac-
aba de publicar, hoje que é pra, um
dos mais lindos sonetos do que terá conheci-
mento o leitor, sob o titulo -- *Um anjo*

— Então, senhor, eu era criminoso?
perguntou a bella Hervanaria ao juiz de
instrucção que respondia:

— A desprovincia não se fará esperar,
mas essa justiça tardia, infelizmente,
não anagará os seus soffrimentos!

Paroli quiz levantar a voz para uma
ultima tentativa de luta contra a evidên-
cia.

— Essa menina, disse elle, está illudi-
da por alguma semelhança; como está
Oscar Rigault! Eu protesto ou...

Não teve tempo de acabar.

— Para o Depósito! ordenou Sr. de
Gervay.

Caseneuve e Flagny, não deixaram
repetir a ordem. Conduziram o misera-
vel até o carro que os levou ao Depósito
da Prefeitura da policia.

— Bibi é mais viva do que a policia!
inmurmurou Oscar. Eu bem sabia que não
havia de espichar-me! Agora poderei
dormir tranqullo!

Nessa mesma noite, Cecilia Bernier
tambem foi presa, tendo sido denuncia-
da por Angelo Paroli que não quiz sol-
ter-se.

Dois mezes depois, o jury do Sena
condenou a pena de morte o assassi-
no, cujos crimes todos foram providos;
e a cinco annos de reclusão Cecilia Ber-
nier, convicta da infanticidio.

Não tendo o Sr

